

A CRIANÇA NO OLHAR DE MACHADO DE ASSIS

Clarice Fortkamp Caldin

RESUMO: *Através da análise de “Conto de escola”, de Machado de Assis, o presente artigo se centra no olhar do narrador para as personagens infantis e sua relação com os liceus, nos quais subsistia a prática da vara, sendo o medo do mestre e da palmatória a tônica da escola. Além disso, procura-se pontuar reflexões sobre os comportamentos e sentimentos das crianças pobres e livres nas figuras de Raimundo, Pilar e Curvelo e apontar Machado de Assis como o retratista do II Império, pois contextualiza as personagens na vida política do país.*

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura brasileira. Século XIX. Machado de Assis. Contos. Personagens infantis.*

ABSTRACT: *Through the analysis of “Conto de Escola” by Machado de Assis, the present work focuses on the narrator’s look at the young characters and their relation with secondary schools, in which there was the cane practice, and in which the fear of the school-master and of the pandy was the predominant issue. Furthermore, there is an attempt to consider the behavior and feelings of the poor and free children in the figures of Raimundo, Pilar e Curvelo and to underscore Machado de Assis as a portraitist of the II Empire, for he contextualizes the characters in the political life of the country.*

KEYWORDS: *Brazilian literature. XIX Century. Machado de Assis. Short-stories. Young characters.*

Introdução

Machado não rotula os tipos que caracteriza: cada personagem é diferente, apresenta aspectos singulares e merece uma análise própria.

O presente artigo pretende mostrar o olhar de Machado direcionado às personagens infantis Raimundo, Pilar e Curvelo, do “Conto de escola”, escrito em 1896. Tal conto faz parte de *Várias histórias* e foi selecionado para análise visto apresentar a criança com angústias e incertezas próprias da idade e do período histórico, muito embora diferenciada quanto ao comportamento frente ao poder do adulto.

Não se tenciona fazer um estudo profundo das personagens do conto citado, mas apenas apresentar algumas reflexões sobre a relação de poder dentro da escola e sobre os comportamentos, sentimentos, atitudes e pensamentos da criança na sociedade do Rio de Janeiro do II Império, retratados pelo narrador e registrados pelo escritor curioso, ambos conjugados na figura de Machado de Assis.

Análise de “Conto de escola”

Houve quatro regências no Brasil, que duraram de 7 de abril de 1831, data da abdicação de D. Pedro I, até 1840, quando foi coroado D. Pedro II. “Conto de escola” passa-se em 1840, no fim da última regência, período marcado por grandes agitações políticas.

Machado, nascido em 1839, não guardaria lembranças desse tempo. Os acontecimentos do período seriam coletados das crônicas da época, dos jornais armazenados na Biblioteca Pública. Não seria o conto, portanto, uma autobiografia, como sugere Pereira (1988).

O olhar de Machado para as crianças na escola, para as situações criadas e superadas pelos pequenos é um observar analítico e crítico, distanciado, para melhor ver e julgar os comportamentos das personagens no contexto social em que estão inseridas. Registra a autoridade máxima do mestre nos colégios, no que Freire (1981, p. 70) chama de “pedagogia sádica”.

A infância, descoberta como uma das etapas significativas da vida a partir do século XII, desenvolve-se realmente no fim do século XVI e durante o século XVII. A criança passou a inspirar sentimentos novos de cuidado e afeto, que a família fazia questão de mostrar. De fato, a família e a escola, juntas, retiraram a criança da sociedade dos adultos. Privada da antiga liberdade que gozava entre os mais velhos, a criança

ficou enclausurada em casa ou nos internatos, para sua proteção e “correto” desenvolvimento moral, segundo os padrões da época.

No século XVIII destaca-se um amor crescente pelos pequenos, que não devem ser misturados aos adultos, e muito menos com o povo. O sentimento da família e o sentimento de classe surgem juntos (ARIÈS, 1981).

Em Perrot (1995) lê-se que o filho, no século XIX, ocupa o centro da família, sendo objeto de preocupação dos pais. Encarado como o futuro da família, para ele convergem os anseios dos pais. Nesse século, o filho não pertence apenas à família, mas sim à nação. Será o futuro cidadão, o futuro soldado.

Na França, os castigos físicos eram comuns, mesmo que reprovados por algumas pessoas mais esclarecidas, pelo menos no âmbito familiar. Nos liceus, entretanto, subsistia a prática da vara e do açoite. Aos poucos tais métodos vão sendo abolidos, seja por insurreição dos jovens, seja por protesto das famílias. Decretos são editados, a partir de 1834, proibindo infligir castigo físico nas escolas primárias do Estado. Nas escolas religiosas das classes populares, persiste ainda por algum tempo o uso da palmatória, visto os frades terem uma concepção mais conservadora do significado da disciplina. No campo, a prática de sovas e vergastadas é freqüente e faz parte da infância na escola, mesmo que controlada para não extrapolar os limites permitidos. Entre os operários também é costume o uso de bastão ou açoite de corda nos aprendizes meninos, como forma de mostrar quem manda e quem deve obedecer. Mas, pouco a pouco crianças e jovens se rebelam e a prática de demonstração de poder por meio da violência física vai-se atenuando (PERRROT, 1995).

O Brasil, no século XIX, copiava o que podia da França. Seja no vestuário, na pintura das casas, na cor das roupas, que, de coloridas à maneira oriental, foram se acinzentando e se tornando preta – cores européias, civilizadas, seja na educação. Nos colégios de padres estudava-se latim, retórica e oratória – sempre em companhia da vara de marmelo e da palmatória (FREYRE, 1981).

O clima brasileiro, todavia, tornava diferentes as crianças brasileiras das crianças européias. O relato de uma professora alemã, em um colégio particular para meninas, em 1882 (MAUAD, 1999, p.137), mostra o desconcerto da mestra com a alegria e algazarra das meninas, que tomam um castigo como brincadeira, com o desabafo “as crianças brasileiras, em absoluto, não devem ser educadas por alemães; é trabalho perdido, pois enxerto de planta estrangeira que se faz na juventude daqui não pegará.”

Não é o caso da escola da rua do Costa, em que os meninos sentem pavor do mestre e ficam gelados com seu fitar penetrante, no “Conto de escola” (ASSIS, 1978, p. 141-148).

Nesse conto, Machado observa o comportamento de meninos pobres livres, em uma escola leiga do Rio de Janeiro de 1840 e suas vivências com as demonstrações de poder do professor.

No sobradinho humilde, com o velho mestre pobre e sisudo, com o castigo da palmatória presente e constante, as aulas insípidas e maçantes, a cobrança insana das lições, o olhar de Machado de Assis se concentrou nos meninos Pilar, Raimundo e Curvelo, nesse conto de oito páginas:

Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos: vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo do pai. (ASSIS, 1978, p. 142)

O menino Raimundo estava em situação desconfortável: filho do mestre e sem rapidez de raciocínio, era uma decepção para o pai, que dele se vingava sem indulgência, mostrando aos demais o poder inquestionável que o professor exercia na escola:

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com o olhar, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro e continuamos a ler. (ASSIS, 1978, p. 143)

O sadismo do detentor do poder, nas escolas, era demonstrado pela punição física:

O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. (ASSIS, 1978, p. 143)

Como a educação era severa, o medo fazia parte do cotidiano escolar:

De repente olhei para o Curvelo e estremei; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito. (ASSIS, 1978, p. 146)

Além dos castigos corporais, a humilhação pública era uma das estratégias do mestre para reforçar seu poder:

— Oh! *seu* Pilar! Bradou o mestre com voz de trovão. [...] fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos. [...]

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dous, quatro, oito, doze bolos.

Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! Tratantes! Faltos de brio! (ASSIS, 1978, p. 146-147).

Esses trechos citados mostram o pavor de Raimundo com a severidade de seu pai, o mestre; o medo de Pilar quando descobriu que Curvelo os observava e poderia delatá-los; e a resignação pela palmatória seguida de impropérios.

Tal situação de terror no ambiente escolar não era incomum naqueles tempos no Brasil. Freire (1981), aponta os seminários como verdadeiras casas de detenção, consistindo Caraça, colégio de padre, no símbolo do sadismo e maus-tratos. Descreve os meninos que os freqüentavam como tristes, doentios, calados, oprimidos — carneirinhos — como eram chamados. Cumpre lembrar que além dos castigos corporais, no Caraça os meninos passavam fome.

A condição dos meninos nos colégios do Rio de Janeiro, no século XIX era um pouco melhor, visto que, não sendo, internos, ao final da aula retornavam às suas casas e podiam, ao menos se alimentar.

Mesmo assim, o medo está sempre presente, pois, no Brasil patriarcal a criança, do nascimento até os seis anos de idade, era idealizada como anjo e, dos sete aos dez, era tida como diabo. Na idade escolar, portanto, era considerada uma criatura demoníaca, cheia de pecados e, assim, justificava-se o castigo que lhe era impingido por quaisquer adultos próximos: pais, avós, tios, padrinhos, padres, professores. A escola configurava-se no lugar por excelência para o exercício da autoridade do adulto sobre a criança, numa pedagogia do terror.

Machado narra o medo dos escolares mesclado com esperteza, a necessidade de saber a lição conduzindo à corrupção. É interessante observar que os meninos têm consciência do que estão fazendo e sabem que implica em punição severa, mas, mesmo assim, tentam burlar o professor — um por precisar do conhecimento, outro pela avidez do dinheiro.

O conto expõe a cobiça e a venda de informações, em que os meninos desempenham os papéis de protagonistas:

Era uma moeda do tempo do rei, cuida que doze vinténs ou dous tostões, não me lembra: mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não. [...]

Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos [...]

Raimundo deu-me a pratinha, sorratamente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição, e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. (ASSIS, 1978, p. 144-145)

Para os meninos, foi um simples negócio — realizado e pago. Mas Machado, passeando seu olhar pelas atitudes das crianças, captou não só o medo de ser apanhado, mas também o nascimento de um sentimento novo – a descoberta da corrupção. Sabiam ambos, Raimundo e Pilar, que a falta era grave e, mesmo assim, a cometeram. Machado mostra o desconforto de Pilar, que não define bem o que está sentindo, ou como ele mesmo diz:

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar o mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, da cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele à toa, sem poder dizer nada. (ASSIS, 1978, p. 145)

A perplexidade do menino se explica pela novidade da situação. Até então ajudara Raimundo, passando-lhe informações. Mas nunca *verdera* informações. A luta interna de Pilar é demonstrada pelos seus sentimentos conflitantes: “Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la”. (ASSIS, 1978, p. 145)

A venda de informações, processada sorratamente, teve um espectador atento, na figura do menino Curvelo:

Relancei os olhos pela sala, e dei com os de Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei. (ASSIS, 1978, p. 145).

Curvelo faz o papel de delator. Machado não esclarece por que Curvelo entregou os colegas, nem mostra sua disposição de ânimo ao fazê-lo. Entretanto, mais adiante, dá a entender que o menino se arrependera:

Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que tirávamos alguma coisa? (ASSIS, 1978, p. 147).

Fica a dúvida do porquê da delação. Seria para alcançar as boas graças do mestre exigente? Seria o despeito por não ter participação no dinheiro? Machado não entra nos detalhes da motivação; preocupa-se em mostrar como isso acontece já desde a tenra idade. É a preocupação de Machado não com o fato em si, mas com a reflexão que o fato provoca. Curvelo comporta-se como os agregados dos romances da época — adula o poderoso e prejudica o humilde. Também nesse conto vê-se a relação de poder da sociedade fluminense do século XIX. Disfarçado de uma história de crianças ele está presente, com todos os seus componentes básicos: dinheiro, autoridade, corrupção.

Não se furta Machado, nesse conto, de contextualizar bem a época, em um retrato da vida política do país:

Afinal [o mestre] cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação política. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. [...]

Em verdade, se o mestre não visse nada, quem mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação. (ASSIS, 1978, p. 143-144)

É enfatizada a leitura atenta aos jornais, do mestre, Policarpo. Acresce que era a segunda fase da regência. Foi em 1840 que a regência chegou ao fim, quando um golpe liberal derrubou o regente Araújo Lima e proclamou D. Pedro II maior para governar o país. A preocupação de Policarpo traduz toda uma nação preocupada. A instabilidade política afetava a todos, mesmo um simples professor de meninos. E Machado passou essa preocupação muito bem, em um conto aparentemente inocente. Seu olhar atento atravessou a sala de aula e foi para as ruas, acompanhou os soldados marchando, os tambores anunciando novos

tempos. O narrador colocou nesse conto, como em todos os outros que escreveu, o sentimento íntimo que o fez homem do seu tempo e do seu país.

Conclusão

Machado enfocou todos os aspectos da sociedade oitocentista fluminense. Sua reflexão é dirigida aos atos humanos, praticados sob a pressão dos costumes do II Império.

Criança também é gente, é cria de gente – conforme o pensamento estabelecido já no século XIX. A criança brasileira, rica, pobre, escrava, mereceu o exame de Machado que traçou alguns perfis, mas não os rotulou, assim como jamais rotulou suas personagens adultas.

Em “Conto de escola” pintou o retrato de Raimundo, Pilar e Curvelo, meninos pobres livres. Não criticou nem aplaudiu o comportamento dos estudantes de uma escola pública – apenas observou e proporcionou ao leitor que também enxergasse e refletisse sobre o comportamento das personagens infantis sob ameaça constante do poder do adulto.

Raimundo, Pilar e Curvelo representam as crianças que foram maltratadas, humilhadas e desprezadas no II Império e que mereceram o olhar lúcido de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flakman. 2ªed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obra selecionada*. Rio de Janeiro: Lia, 1978. v. 4.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: a decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 137-176.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6ª.ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1988.
- PERROT, Michelle (org.). *Da Revolução Francesa à 1a. Guerra*. Trad. Denise Battman ; Bernardo Joffily. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. (História da vida privada, 4).